

## A FESTA: ESPAÇO DE MÚLTIPLOS TEMPOS<sup>1</sup>

*Jones Dari GOETTERT<sup>2</sup>*

A sociedade, suas relações, o tempo e o espaço, estão em constante movimento (dialético), no qual tudo muda, se transforma. Mudança ou transformação que carrega no movimento de mudar ou de transformar, mas também após, marcas daquilo que foi, sendo a *forma* a expressão nova das relações passadas e das relações presentes. No espaço (ou espaços) do hoje, do atual, estão desigualmente colocados múltiplos tempos que se construíram no passado e se fazem “parceiros” dos novos tempos que se fundem, assim, num novo espaço.

Construído social e historicamente, o espaço das relações entre os homens e as mulheres e destes com a natureza, se apresenta numa totalidade que, metodologicamente (e só por isso), por vezes é definido por seus aspectos social, econômico, político e cultural. Nessa definição de partes nem sempre é possível separar as características de um e de outro aspecto, uma vez que é o todo que baliza o sentido das partes, sendo que o estudo das partes em si mesmas não possibilita a noção de totalidade. Assim sendo, aspectos culturais são influenciados por aspectos econômicos; aspectos políticos por aspectos culturais e assim por diante.

O todo é muito mais forte e determinante que as partes. Nesse caso, se damos ênfase ao aspecto cultural (como o faremos aqui), isso pressupõe a relação direta e indireta com o econômico, o social e o político, que por sua vez também são expressões da organização (inclusive cultural) de uma sociedade.

---

<sup>1</sup> Texto produzido a partir de assuntos estudados na disciplina “Geografia e Mudança Cultural”, ministrada pelo Prof. Dr. Armando Correia da Silva, no Curso de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da UNESP, campus de Presidente Prudente, SP.

<sup>2</sup> Aluno mestrando do Curso de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP, campus de Presidente Prudente, SP.

Os relacionamentos que estabelecemos com os outros e com a natureza, seja em qualquer tempo ou espaço de nossa existência, tendo presentes as representações mentais, a religiosidade, os mitos, o encantamento e a desgraça, a alegria e a tristeza, expressam o modo como compreendemos o mundo, nossa concepção de sociedade, nossa cultura.

A forma como lidamos nas e com as situações do dia a dia, refletem não apenas gostos e posições pessoais, mas um conjunto de características as quais estão impregnadas de sentidos e motivações. Em cada instante apresentamos estas características que, sem que mesmo percebamos, carregam uma história e, por isso, é atual mas ligada umbilicalmente ao passado. O espaço de nossa vivência é recheado por tempos dessa história, no mesmo instante que nossa ação, consciência, memória e imaginário, movimentam-se no ontem, no hoje e no amanhã.

Compreendendo o espaço como uma acumulação desigual de tempos e, sendo:

*"... através do significado particular, específico, de cada segmento do tempo, que apreendemos o valor de cada coisa num dado momento"* (Santos, 1996, p. 83),

é que optamos, arbitrariamente ou não, pela abordagem de um espaço específico, o *espaço da festa*. Considerando que a festa também tem multiplicadas suas formas de manifestação, tanto no tempo quanto no espaço, optamos por analisar brevemente uma festa específica: a Festa do Padroeiro de uma pequena comunidade de pequenos proprietários rurais da região Noroeste do Rio Grande do Sul<sup>3</sup>.

Buscando destacar os múltiplos tempos no espaço em discussão, recorreremos a uma rápida abordagem histórica dessa festa. Tal abordagem, no entanto, não será apresentada *a priori*, mas concomitantemente à discussão da organização e da realização da festa.

A Festa do Padroeiro da comunidade só é possível porque a religiosidade está presente e, de maneira particular, porque são

<sup>3</sup> Mais especificamente, a Festa da Padroeira "Mãe Três Vezes Admirável", da comunidade de Esquina Thomas do município de São Martinho, que é realizada anualmente no dia 18 de outubro ou no domingo mais próximo.

membros da religião Católica Apostólica Romana. Como na comunidade a maioria da população é católica, tem-se a missa ou o culto no domingo quase que obrigatório. Na religião católica o culto a santos, apóstolos, profetas e a Maria (mãe de Jesus) são aceitos, sendo muito comum cada comunidade devotar graças a um santo ou a uma das várias representações de Maria, tendo-o (a) como padroeiro (a).

A religião, além de se apresentar como alienação segundo Marx (que aprofundou a tese de Feuerbach da religião como o "ópio do povo"), como forma de possibilitar o poder autocrático a exemplo dos faraós no antigo Egito, possibilita a produção e reprodução de relações de sociabilidade entre as pessoas. A missa, as rezas nas famílias, as novenas, os ritos de iniciação e de passagem (batismo, primeira eucaristia, crisma, casamento, unção dos enfermos...), são formas de aproximar as pessoas de um lugar qualquer, de uma comunidade. Em cada um desses momentos ocorre uma preparação, seja da família que acolhe os vizinhos, seja dos responsáveis pela organização da missa na capela, na escola ou no salão comunitário. Não seria diferente com a festa do padroeiro.

Vários dias e até meses antes da festa, os membros da comunidade iniciam sua organização. O trabalho voluntário e na forma de mutirão dá o tom para as tarefas. Essa forma de trabalho, no entanto, não é apenas uma característica no período da organização da festa, estando presente também nas relações que os membros da comunidade estabelecem no dia a dia.

A maioria de origem alemã (inclusive sendo o alemão - dialeto - a língua mais falada) e parentes entre si, têm a ajuda mútua como uma constante no trabalho diário e anual: plantio e colheita de trigo, soja e milho; formação de silagem; "carneação" de porco ou de boi etc. Essas relações acompanham os agricultores<sup>4</sup> mesmo antes da chegada no lugar que deu origem à comunidade, há aproximadamente 35 anos.

Como comparação, tanto Tavares dos Santos (1984) quanto Candido (1971), em trabalhos que discutem as relações em

<sup>4</sup> Como são conhecidos na região os pequenos proprietários de terra, entre 5 e 50 hectares.

comunidades de colonos e parceiros (caipiras), apresentam características semelhantes.

O primeiro, ao trabalhar com “colonos do vinho” no bairro rural de São Pedro no município de Bento Gonçalves - RS, entre 1974 e 1975, destaca que o mutirão se dava como um processo grupal e espontâneo, assim como,

*“... é costume aqueles que foram auxiliados oferecerem uma festa para recompensar os outros e agradecer-lhes, solidificando-se assim a solidariedade do grupo. (...) Entre as formas de sociabilidade, há ainda a “festa do padroeiro”, realizada no próprio bairro rural, no mês de outubro, e totalmente organizada em comum pelos habitantes do bairro rural”.* (p. 35 e 161)

Não muito diferente, Candido (que trabalhou com um bairro de parceiros de Bofete, SP, entre 1948 e 1954), ressalta o trabalho coletivo e a ajuda mútua com obrigação bilateral (uma cooperação vicinal) e também seguido do aspecto festivo. É interessante notar que só é membro do bairro quem convoca e é convocado para as atividades de mutirão, inclusive com referência à festa anual do padroeiro:

*“Para dar andamento a tais atividades, é necessária acentuada coordenação, envolvendo a participação de grande número de pessoas e movimentando praticamente todo o bairro”.* (p. 72)

Na comunidade em estudo, como vimos, o trabalho de ajuda a vizinhos é uma constante. O trabalho mútuo reforça, obviamente, a sociabilidade na comunidade. E, assim como no bairro de parceiros de Bofete, a participação de todo e qualquer membro da comunidade é condição para “ser bem visto” por todos.

É possível perceber que o trabalho e a religião, particularmente em função da festa do padroeiro, estão intimamente relacionados numa dimensão maior: a sociabilidade. Característica importante na compreensão da organização da festa e que desafia o tempo, estando colocada tanto no passado quanto no presente. Aspecto também destacado em Tavares dos Santos (1984) e que, por outro lado,

*“As manifestações da sociabilidade no lazer vão ocorrer somente nos momentos em que o ciclo agrícola o permita. (...) permitindo que a família se ocupe da preparação dos festejos”.* (p. 144)

Há, na organização e na realização da festa, uma divisão sexual do trabalho. Na organização os homens são responsáveis pelo contato com patrocinadores, com o conjunto musical, com os comerciantes de bebidas, com a carne etc.; enquanto as mulheres são responsáveis pela limpeza do salão comunitário, pela preparação dos outros “pratos” além do churrasco (saladas, pão, cuca...).

Essa divisão também está ligada aos trabalhos desempenhados por ambos na propriedade. Lefèbvre (1991), ao discutir brevemente a economia camponesa, destaca duas gestões de trabalho onde deixa claro a possibilidade de “locomoção e trânsito” da mulher e do homem:

*“... a da casa com suas dependências (jardins, galinheiro etc.), onde reina a mulher, e a do cultivo, domínio do homem”.* (p. 42)

Nos primeiros anos da festa, as mulheres preparavam os “pratos” complementares ao churrasco com produtos, na sua maioria, produzidos nas próprias propriedades: batatinha, repolho, ovos, cuca, pão... Hoje, inversamente, a maioria dos produtos é comprada nos supermercados da cidade.

Da mesma forma, hoje é notório que o interesse dos comerciantes de bebidas pela venda para aquisição do lucro é mais presente que há trinta anos. Se no início o comerciante proporcionava brindes e até copos de vidro para a festa, atualmente tudo é listado e cobrado: copos de plástico, canudinhos, gelo etc. Os membros da comunidade trabalham mais para os distribuidores de bebidas do que para o “caixa” da comunidade. Aliás, nos últimos anos houve vezes que a festa teve prejuízo: são garrafas que se quebram e que somem e nada é considerado pelo mercado, ou melhor, pelo representante comercial.

A música, por sua vez, também mudou. Não mudaram apenas os ritmos, mas também o custo. Em anos anteriores, eram conjuntos musicais próximos da comunidade ou até formados por seus

membros: gaiteiro, violeiro... A espontaneidade no tocar e no cantar era maior, sendo até permitido a mudança no repertório quando alguém assim o quisesse, como por exemplo quando um casal pedia “duas valsas” ou “três vanerões”. Assim como a música não é mais totalmente igual, com a intercalação da “marchinha” com o “tchan” ou músicas da Xuxa, também o conjunto musical está mais tecnificado e “racionalizado”. Não há mais a opção de poder solicitar a música, tanto que uma atenção maior permite verificar a repetição e a seqüência de ritmos. Por outro lado, a interação entre os músicos e a comunidade é menor, pois não se colocam como “parte” ativa da festa, mas como simples prestadores de serviço.

Lefèbvre, nesse sentido, ressalta que atualmente tudo está para ser consumido, e não sentido. O trabalho, a vida privada e a vida familiar, os lazeres, são explorados de maneira racional, incluindo-se aí a novíssima organização (comercial e semiplanificada) dos lazeres (cf. op. cit., p. 67).

Nesse sentido, percebemos que a satisfação daquilo que fazemos está cada vez mais reduzida. O trabalho é extremamente sacrificante pois não nos possibilita ver nele nem uma ação de satisfação das necessidades básicas, nem o preenchimento de nossos anseios enquanto ser humano digno e cidadão. Da mesma forma, o tempo livre é apropriado por “forças ocultas” que impedem, na maioria das vezes, de nos desvencilharmos das amarras que o trabalho (da alienação e do não-sentido) nos impõem. De acordo com Nascimento (1998),

*“O grau de satisfação que obtemos nas coisas que realizamos é cada vez mais reduzido, pois o nosso tempo livre se torna crescentemente programado pelos meios de comunicação. Nossa autonomia em organizar por nós mesmos nosso tempo livre, com inteligência, criatividade e liberdade está diminuindo”* (p.19).

O espírito dos participantes ou pelo menos de alguns também foi modificado. A perspectiva do lucro se coloca hoje sobre a perspectiva da religiosidade, do entretenimento e da animação. “A festa está menos divertida”, como apontou uma moradora. Existem pessoas que apenas vão à festa para almoçar dando ao lugar a noção

de restaurante (logo de prestação de serviço), retirando-se logo após o almoço. A noção da festa que se estendia tarde e noite a dentro agora é rompida, bastante característica pela passagem rápida dos “políticos” com o interesse maior de “cumprimentar” a todos do que participar conjuntamente.

Outro aspecto ressaltado por um morador é que alguns visitantes, “mal intencionados”, “levam” para casa garrafas contribuindo para o aumento das despesas. O morador afirma que acha estranho tal comportamento, porque a intenção do acumular garrafas, geralmente no interior de automóveis, parece que acompanha o visitante antes da chegada.

O não mais entendimento da festa enquanto uma totalidade que abarca a religiosidade, a amizade, a sociabilidade e o entretenimento, pode também ser observado pelo número de participantes da missa, que é menor que na hora do almoço. Por sua vez, o número de pessoas após o almoço se reduz, ou seja, a festa virou para alguns sinônimo de comilança. Os visitantes apresentam uma pressa anteriormente não verificada, pois o “ir a festa” significava a participação integral de seus momentos e não sua fragmentação.

Se antigamente as conversas eram intermináveis, recordando-se fatos e *causos* mas também misturando comentários sobre os filhos, os parentes, a lavoura, os animais, a chuva ou a estiagem, o preço dos produtos agrícolas, e tudo com muita risada, hoje, a conversa é mais rápida e refere-se sobretudo aos negócios<sup>5</sup>, ao preço disso ou daquilo, a lamentações profundas das perdas e do dinheiro que não veio. Aliás, o que não deixou de ser também um dos motivos para que os visitantes saiam mais cedo, pois o “dinheiro é curto” e “uma cerveja sempre pede outra cerveja”.

É importante notar que os membros das próprias famílias da comunidade não mais estão todos presentes. Se em anos anteriores toda a família e parentes tinham na festa um espaço de encontro e reencontro, hoje é comum ver apenas os mais velhos ou os pais, pois muitos dos filhos tiveram a migração como companheira na procura

<sup>5</sup> É interessante observar que a própria palavra negócio pressupõe o não tempo livre, o não tempo do lúdico, da festa: *neg-ócio* ou o tempo livre negado.

de trabalho em cidades próximas ou da região da grande Porto Alegre, e até mesmo a migração para outros estados.

A festa, no entanto, não desapareceu, principalmente pela insistência dos moradores mais antigos. A festa ainda é um momento de ruptura com o cotidiano muitas vezes sofrido, com o tempo do trabalho (muitas vezes do sem-sentido, da mercadorização absoluta). Mesmo não sendo mais a mesma, a festa não deixa de apresentar tempos diferentes do tempo do mercado, do lucro e da coisificação.

O tempo da solidariedade e da sociabilidade também estão no espaço da festa. Esse tempo, tanto no dia a dia dos moradores quanto na organização e realização da festa, representa resistência, como igualmente apresentado por Tavares dos Santos (1984, p. 163-4):

*"... expressa-se na sociedade a ajuda mútua dos camponeses enquanto prática comunitária de relacionamento entre vizinhos, que se desvia das determinações mercantis da formação capitalista, ao mesmo tempo em que oculta a incidência dessas determinações na vida do camponês. (...) a construção de uma comunidade no nível da vivência nega a consciência necessária do capitalismo".*

A solidariedade e a sociabilidade são atributos dos seres humanos e de suas relações. Portanto, elas são construídas e reconstruídas no sentido da valorização e da não-negação do humano:

*"A solidariedade não é um dado natural. A solidariedade pode manifestar-se como defesa de interesses comuns ou pode ser espontânea. A educação, o ensino e a aprendizagem podem criá-la ou não. Por isso, a individualidade solidária ou a socialidade solidária estão em permanente conflito contra o anti-humano. Estar possuído de justiça é condição de não conformismo. E é assim que se põe a coragem".* (Silva, 1996a: 4).

Assim, a festa da padroeira desta pequena comunidade apresenta múltiplos tempos. No espaço da festa está o tempo do lucro para os comerciantes de bebidas, mas também se coloca o tempo da solidariedade, da ajuda mútua. Ao lado do tempo do mercado está o tempo da amizade e da alegria. Intercaladamente ao tempo da música

de "bandinha" se coloca a música do "tchan", do pagode. Ao lado do tempo ("moderno") dos aparelhos de som com potência estratosférica, se coloca o tempo da nostalgia de tempos e espaços que não voltam mais, numa mistura de memória, imaginário e realidade.

A festa é a negação da morte, da morte da festa, da solidariedade, da consciência, do encontro. Segundo Milton Santos (Apud Silva, 1996b, p. 8):

*"A festa, porque reconstitui a individualidade solidária é uma forma de protesto, na desconstrução da consciência morta que se torna viva na relacionalidade dos afetos que nascem da espontaneidade. A alegria do encontro e dos reencontros ultrapassa o medo do presente".*

É possível ver e sentir na expressão de cada rosto e de cada corpo ali presente, os múltiplos tempos. Corpos e tempos que se cumprimentam, se tocam. Corpos e mentes que vagam espontaneamente por entre os tempos múltiplos, soltos pela bebida e/ou pela felicidade da festa.

*"Na festa o corpo é a presença mais importante. Ora, o corpo é tudo: ele ocupa o seu espaço e o dos outros, pois ele não termina (...) nos seus limites físicos. Mas, o corpo contém a sensibilidade que é transmissível no gesto, no sorriso, no olhar, no contato com outro corpo, momentos de emoção e razão solidários, mesmo que durante apenas um instante, que é a verdade do ser, que contém energia, quando liberta dos constrangimentos da cultura".* (Silva, 1996a:4)

Fundamentalmente, é necessário destacar que o *espaço da festa*, neste estudo apresentado e inserido no aspecto cultural da sociedade, se transforma na relação com os aspectos econômico, político e social. Nos múltiplos tempos possíveis de verificação naquele espaço, o tempo do mercado e do lucro (econômico) estão presentes; o tempo da visita do prefeito e de vereadores, assim como as discussões a respeito da "política" é notável (político); e o aspecto social está subjacente na própria condição dos moradores (pequenos agricultores) e dos visitantes (na maioria pequenos agricultores e trabalhadores urbanos).

Na mesma direção, devemos ter claro que o “todo da festa” se modifica no tempo, na relação dialética entre os diversos aspectos supra citados. No entanto, buscamos demonstrar que o movimento de mudança não pressupõe a negação generalizada dos tempos passados, mas que esses tempos estão contidos na festa do presente. É claro, modificados, os tempos do passado se misturam e se relacionam com tempos novos, num espaço que, na sua complexidade, integra-os. O espaço da festa, portanto, compreende a “unidade na diversidade”, como síntese de múltiplos tempos que não se apagam por completo, mas que se fundem e se colocam vivos nas relações que se estabelecem entre os *corpos* e o espaço da festa.

A festa, mesmo que em boa parte subjugada pelas relações capitalistas, principalmente pelo sua incorporação às determinações do mercado, não deixa de conter ainda características eminentemente na direção da construção da verdadeira humanização. As relações entre as pessoas é possibilitada por uma necessidade de contraposição à frieza da mercadoria, à rigidez da troca monetária, às relações de usurpação dos desejos e prazeres que a lógica do capital e suas relações condicionam. Assim,

*“A ‘Cultura da Festa’ contém elementos de aproximação e tolerância entre as pessoas, defende a descontração e a redução da resistência no relacionamento entre as pessoas, atribui importância ao prazer como uma forma de vida importante e que não precisa ser, necessariamente, o oposto do dever, do trabalho”* (Nascimento, 1998, p. 19).

Portanto, a realização da festa da padroeira durante todos esses anos deve ser entendida para além da “alienação religiosa” e da submissão total ao mercado. Devemos ressaltar veementemente que se coloca também como possibilidade de resistência a um modelo de sociedade que nega a exaltação da individualidade, pois busca a padronização dos gostos e prazeres; resistência frente ao “sorriso” hipócrita de seu mais nobre produto, o consumidor; resistência à banalização da própria existência. Por outro lado, ressalta a concretização da solidariedade e da sociabilidade antes, durante e depois da festa, num espaço de múltiplos tempos em que persiste a vontade de que *a festa deve continuar*.

### Referências Bibliográficas

- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades, 1971.
- LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. Tradução de Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.
- NASCIMENTO, Flávio Antonio da Silva. *Aspectos Fundamentais da Cultura Brasileira - Sinopse da Contribuição do Negro à Cultura Brasileira*. Rondonópolis, MT: Departamento de História/ICHS/CUR/UFMT, 1998 (Mimeog.).
- SANTOS, Milton. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1996. 4ª ed.
- SILVA, Armando Correa da. *Geografia e mudança cultural*. São Paulo: 1996a. (Mimeog.).
- \_\_\_\_\_. *O pensamento crítico e a morte do sujeito*. São Paulo: 1996b. (Mimeog.).
- TAVARES DOS SANTOS, Vicente. *Colonos do vinho*. São Paulo: Hucitec, 1984. 2ª ed.